

UMA EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA DOCENTE

Quando comecei a dar aula, tive a ingenuidade de achar que era possível ter total controle do processo de ensino-aprendizagem. Achava que se uma determinada sequência didática fosse tecnicamente bem fundamentada se atingiria o objetivo de fazer os alunos assimilarem com êxito um determinado conteúdo curricular. Por isso, planejava minuciosamente o passo a passo de cada aula.

Certa vez, tive que trabalhar com o gênero textual texto legislativo. Achei que era uma boa oportunidade para tentar instaurar alguma ordem em sala de aula, pois eu já sabia previamente que ficaria com uma turma de 8º ano com adolescentes de 14 e 15 anos considerada "difícil" numa escola pública do município de Maricá (RJ). Levei para a sala, para iniciar, alguns artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente e alguns do Regimento Escolar do município. Esses artigos, por fim, acabariam servindo como uma espécie de constituição, porque a minha proposta era que faríamos um regimento que valeria dentro da sala de aula e que não poderia ferir aqueles artigos.

De início, pedi que os alunos trouxessem de casa alguma definição das palavras solidariedade e cidadania, que eles deveriam coletar com alguém maior de idade que morasse com eles. Tendo definido o significado dessas palavras com base no que eles trouxeram, propus o seguinte texto, que serviria de artigo 1º: "Levando em conta que a escola deve preparar os alunos para o exercício da cidadania, para que todos possam exercê-la, esta turma terá como princípio fundamental a solidariedade".

Coloquei o artigo para votação, que era feita de forma secreta numa urna que fiz e o resultado foi o seguinte, contando com o meu voto: 26 concordaram, 2 discordaram e 1 anulou.

A ideia era que os alunos também propusessem artigos para o regimento, pois, assim, trabalharíamos a edição dos textos. Mas, com o tempo, o regimento acabou entrando na rotina do trabalho escolar e, como geralmente se dá quando isso acontece, foi ficando chato e maçante, pois passou a ser visto pelos alunos como a obrigação de um trabalho escolar qualquer. Assim, num determinado momento, os combinados feitos foram importantes para aquele grupo, mas, com o passar cotidiano, outras demandas surgiram e novas experiências foram tomando espaço. Aqui, tenho mais interesse em entender o que provocou essa desmobilização do que em focar no que deu certo no projeto.

Em primeiro lugar, me parece que projetos desse tipo têm mais chance de dar certo se forem feitos de modo interdisciplinar, o que já é uma grande dificuldade. Não que os professores não se mobilizem, mas a forma como os horários das escolas são organizados não oportuniza trocas. Não é incomum, por exemplo, que professores de uma mesma turma passem o ano inteiro sem nenhum tipo de contato.

Percebi, também, o peso que certa tradição escolar, em algumas instituições, tem na vida dos alunos. No caso em questão, eu estava só com turmas de 8º ano. São alunos com oito anos de experiência escolar. É interessante notar que os alunos desde muito cedo compreendem como se tecem as relações sociais '*dentrofora*' da escola. Isso aumenta a dificuldade de o professor fazer qualquer coisa que fuja da rigidez em que são cristalizadas as posições de aluno e professor.

Por outro lado, tocando esse projeto, pude notar claramente como os alunos oscilam de comportamento em sala de aula, variando de acordo com as relações instituídas com o professor. Foi assim que percebi que eles também avaliam, comparam e se identificam com/entre professores. Isso me mostrou que o que eu estava fazendo não era algo costumeiro, e que, de alguma maneira, isso era reconhecido pelos alunos.

Mas, como disse, a desmobilização da turma foi aumentando e com ela a pressão para voltar a um modelo mais tradicional de aula. E, aqui, atrapalhou muito a mobilização que a escola vinha fazendo por conta de uma avaliação externa que estava se aproximando. Isso influenciou bastante o meu planejamento não só em relação ao projeto em questão como em relação a outros projetos que eu estava fazendo paralelamente. E, também, talvez eu não tenha percebido que o tempo de duração do projeto, que eu tinha planejado como um projeto intermitente, que duraria o ano todo e seria retomado sempre que alguém tivesse alguma nova ideia para incluir no texto do regimento, era um tempo que talvez não dialogava com o tempo dos alunos.

Em um determinado momento, a desmobilização foi tal que os alunos já não tinham mais atenção ao que estavam votando. Foi a hora em que decidi revogar o regimento, e todos concordaram.

Referência:

ALVES, N. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In: _____. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje.** São Paulo: Cortez, 2019, pp. 115-133.

Sobre o autor:

Bruno Nascimento dos Santos – Licenciado em Letras – Português/ Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Ciência da Literatura pela mesma universidade e graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).